

ANÁLISE DE DISCURSOS QUE CONCORREM PARA O NÃO ENGAJAMENTO CIENTÍFICO NA UNIVERSIDADE

Analysis of speeches contributing to the scientific non engagement in university

Nanci Aparecida de Almeida¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar dois discursos que rondam as disciplinas Metodologia Científica e Português Instrumental, comumente presentes na grade curricular do ensino superior (“o texto científico é próprio da elite acadêmico-científica” e “escrever é um dom”), com o intuito de buscar suas desconstruções e, assim, despojar o aluno daquilo que o engana - a produção científica como algo que é próprio de poucos e irrealizável. Para tanto, os contributos teóricos pautaram-se em bibliografias cujas bases estabelecem-se a partir da Linguística Textual e dos estudos sobre a metodologia que norteia a redação acadêmico-científica, por possibilitarem que o aluno dê conta dessa tarefa acadêmica, e da Análise do Discurso de linha francesa, por permitir uma análise do campo discursivo que leve em conta determinações histórico-sociais e ideológicas presentes no fundamento de qualquer dizer. Conclui-se que, observadas inicialmente as condições de coexistência entre as disciplinas, é possível desmistificar e desconstruir velhos discursos que aos poucos se estabeleceram e se cristalizaram, praticando reais possibilidades que contribuam para uma mudança real de um efeito de verdade.

Palavras-chave: Discursos; resistência; produção científica; Metodologia Científica; Português Instrumental.

Abstract: The objective of this paper is to analyze two discourses that surround the Scientific Methodology and Portuguese Instrumental disciplines commonly present in the curriculum of higher education ("the scientific text itself is the academic-scientific elite" and "writing is a gift"), with the order to pursue their deconstructions and thus deprive the student of what deceives - the scientific production as something that is few and unrealizable own. For both, the theoretical contributions were guided in bibliographies whose bases are established from the Linguistics and Textual Studies on the methodology that guides the academic and scientific writing, as they allow the student to take account of

¹ Mestre em Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, SP. E-mail: nanciapal@gmail.com

this academic task, and Analysis of French Discourse, by allowing an analysis of the discursive field that takes into account historical, social and ideological determinations present in the foundation of any say. It is concluded that, initially observed the conditions of coexistence between disciplines, it is possible to demystify and deconstruct old speeches that gradually settled and crystallized, practicing real possibilities to contribute to real change of a real effect.

Keywords: *Speeches; resistance; scientific production; Scientific Methodology; Instrumental Portuguese.*

Introdução

Considerando as demandas por formação e qualificação dos sujeitos sociais, a universidade é o *locus* que permite, de maneira mais efetiva e sistêmica, a construção de saberes nas diversas áreas da ciência, contribuindo assim para o desenvolvimento de habilidades e competências, tanto em nível acadêmico-profissional quanto social.

Nesse nível de ensino, busca-se em um processo de ensino-aprendizagem operações intelectuais e práticas, a fim de promover novos conhecimentos que gerem a criação de uma nova realidade, ou a sua transformação, ou ainda o seu entendimento. Portanto, a integração entre as atividades realizadas deve compreender um sistema que articule educação, cultura e ciência com direcionamento social e oportunizar ao aluno reflexões críticas, de caráter coletivo e individual, e o estabelecimento de formas colaborativas para a resolução de problemas que desafiam a atualidade.

Diante desse cenário, o aluno deve ser o sujeito de seu processo educativo, para o qual deve estar preparado. Isso equivale a dizer que um dos fins a que o aluno deve chegar, enquanto fruto de competência, é à inter-relação entre pesquisa e sociedade, a fim de que contribua para o progresso científico e social. Para tanto, o engajamento científico desde o início da graduação deve ser prioritário, de modo que o aluno torne-se potencialmente mais promissor, pois esse envolvimento constitui-se em um processo de auxílio para a formação de uma nova mentalidade. Portanto, espera-se dele o desenvolvimento de atividades de pesquisa (e extensão), a fim de que apreenda a realidade social, contribua para o progresso científico e social, e, concomitantemente, aprimore as habilidades relativas à efetiva comunicação oral e escrita.

Contudo, deparamo-nos com uma recorrente resistência do aluno à produção científica ao iniciar o ensino superior, mantendo-a inclusive ao longo desse nível escolar, fato que em nada contribui para a busca de seu primeiro título - a graduação. Como consequência, temos a falta de pesquisas contributivas nos diversos campos do saber para além dos muros da universidade.

Uma disciplina em particular - Metodologia Científica (com denominações análogas) - serve como ferramenta fundamental para a obtenção dos atributos próprios das produções científicas e das convenções típicas dessa forma de comunicação, articulando-se, para tanto, às disciplinas básicas do curso e também estabelecendo um ponto de ligação com a disciplina Português Instrumental (comumente presente na grade curricular de vários cursos), na medida em que muitas dessas habilidades e competências citadas advêm de peculiaridades pertinentes ao domínio da língua materna na sua variedade culta.

No entanto, dois discursos² relacionados a essas duas disciplinas - **o texto científico é próprio da elite acadêmico-intelectual** e **escrever é um dom** -, provavelmente fundamentados em uma cultura preestabelecida, estão interiorizados pelos discentes e incorporados por eles, impelindo-os a não cumprir o seu papel. Tal observação advém da convivência com o meio acadêmico, lecionando a disciplina Português Instrumental em diversos cursos de graduação, em uma universidade situada na cidade de Taubaté-SP, e das conversas informais mantidas com os alunos desses inúmeros cursos.

Analisar esses discursos passou a ser o objetivo desta pesquisa, buscando-se com isso desmistificá-los a fim de contribuir para uma mudança discursiva que resulte nas suas desconstruções e, assim, despojar o aluno daquilo que o engana - a produção científica como algo que é próprio de poucos e irrealizável.

Com o intuito de subsidiar a busca desse objetivo, pautamo-nos num exame atento sobre a fundamentação, as diretrizes e as proposições que embasam ambas as disciplinas, com vistas a evidenciar questões de natureza conceitual, técnica e estética da disciplina Metodologia Científica como ferramenta fundamental para a pesquisa científica (*Seção 1*) e considerações sobre a possibilidade/importância de se desenvolver as habilidades de leitura e produção de textos variados por meio da disciplina Português Instrumental, no sentido de contribuir não só para a boa atuação do aluno na sua vida acadêmica, mas também na sua vida profissional (*Seção 2*). Além disso, a teoria da Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF) fez-se necessária por ser de relevante importância para a análise de cada discurso, que historicamente ganhou a dimensão de verdade revelada (*Seção 3*).

² Veja o conceito de discurso, segundo a teoria da Análise do Discurso, na *Subseção 3.1*.

Nas subseções 3.1 e 3.2, o leitor encontrará a análise do corpus de pesquisa (discursos) à luz da teoria mencionada, momento em que será feita uma leitura dos dados enfocando a posição discursiva do sujeito, leitura esta que é legitimada pela relação entre os aspectos social, histórico e ideológico produzindo sentidos. “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós” (ORLANDI, 1999, p. 20).

1 Metodologia Científica

Propõe-se nesta seção uma abordagem sobre os fundamentos dessa disciplina, enquanto ação dirigente, conjunto de técnicas e processos aplicado de maneira sistemática na formulação de produções científicas. Tal postura faz-se necessária para entendermos a viabilidade de se produzir academicamente.

Os estudos propostos pela disciplina Metodologia Científica primam pela compreensão dos conceitos básicos da ciência; pelos métodos científicos pertinentes à elaboração de pesquisas e textos; pela habilitação do aluno de ler e se posicionar criticamente, assumir um comportamento científico e, conseqüentemente, produzir seu conhecimento, que, por ser científico, difere de outros tipos de noção e experiência, “além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 22).

Nas palavras desses autores,

[A]a Metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica. A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14).

Consoante Andrade (2003, p. 121), pesquisa “é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”. Com base na afirmação da autora, entendemos a produção científica como uma busca metódica por respostas a inquietações que possam ser comprovadas (ou passíveis de comprovação), à luz da experimentação, do raciocínio lógico, da

análise, o que possibilita novas descobertas a serem transmitidas, causando repercussões que oportunizam partilhar um saber, divulgar ideias, refletir e alavancar outras pesquisas.

Diante da necessidade de fazer novas descobertas nas diferentes áreas da ciência e do desejo de explicá-las, relatando informações e resultados pertinentes a um tema relevante com profundidade teórica, o pesquisador determina o método (procedimento sistemático e racional) e o tipo de pesquisa, aplicados e desenvolvidos segundo atividades que permitem o alcance do seu objetivo e o caminho a ser seguido por ele, dependendo da ciência a qual se encaixa o tema pesquisado. Essas diretrizes não são necessariamente decididas previamente, mas, com certeza, fazem parte de um processo de organização e planejamento, necessário a sua realização. Segundo Ferrari (*apud* PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 24), método científico constitui-se em um “instrumento básico que ordena, inicialmente, o pensamento em sistemas e traça os procedimentos do cientista ao longo do caminho até atingir o objetivo científico preestabelecido”, sendo possível atualmente admitir-se “a convivência, e até a combinação, de métodos científicos diferentes, dependendo do objeto de investigação e do tipo de pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 25). As pesquisas estão sujeitas a uma diversificação segundo seus gêneros - o que denominamos “tipos de pesquisa”, ou seja, procedimentos de execução. Consoante Prodanov e Freitas (2013, p. 50), “é necessário acrescentar que nenhum tipo de pesquisa é autossuficiente. Na prática, mesclamos todos, acentuando um ou outro tipo”.

Para tanto, não se pode deixar de convalidar a importância da leitura como fator fundamental para o acesso às informações, o desenvolvimento da criticidade, o conhecimento, e a escrita, na medida em que a linguagem formalizada encontra-se como uma exigência do rigor científico; formalidade que compreende alguns requisitos básicos, como nos destaca Salomon (*apud* LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 255): “exatidão, clareza, simplicidade, correção gramatical, linguagem objetiva e estilo direto [...]”.

A normalização do trabalho científico, outro aspecto a ser observado, é estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), uma entidade privada, sem fins lucrativos, responsável pela padronização técnica no país³. Essa padronização estabelece disposições destinadas a uma utilização comum e repetitiva, buscando uma ordem satisfatória em um dado contexto - neste caso a comunicação científica -, que, para Salomon (*apud* LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 252),

³Disponível em: <http://www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=929>. Acesso em 03 jul. 2014.

consiste na informação de "conhecimentos extraídos e obras de pesquisas científicas e/ou tratados à maneira científica, com o fim de informar".

O seu estabelecimento proporciona consistência à apresentação do trabalho científico, dada a sua relevância para a disseminação da ciência, e à credibilidade que deve ter, além do fator preponderante de aceitação ou rejeição no momento de publicação.

Essas formas usuais adotadas e aceitas no meio científico dão suporte a essa atividade, implicando a qualidade formal da produção, a difusão desse tipo de texto⁴, o fazer científico, a aceitação na comunidade científica.

As normas que contemplam os trabalhos científicos versam sobre estrutura, tipos e corpos, fonte, tamanho de fonte, paginação, margens, espaçamento, parágrafos, divisão do texto, títulos de seção, sumário, gráficos, notas de rodapé, citações (diretas e indiretas), resumo, referências etc.

O guia de normalização é orientado pelas NBR (denominação de *Norma Brasileira* da ABNT), que estão sujeitas a uma classificação, têm número fixo e contêm descrições, perfazendo um material de consulta.

Embora muitas instituições estabeleçam suas próprias normas, que apresentam pequenas diferenças em relação às recomendadas pela ABNT, existe uma tendência a seguir o padrão estabelecido por essa associação. Segundo Garcia (2010, p. 406), trabalhos “dessa natureza e com essas características apresentam geralmente uma estrutura mais ou menos rígida, mais ou menos padronizada, preconizada ou já consagrada por instituições competentes (no caso do Brasil, a ABNT)”.

Até que o indivíduo inicie-se cientificamente, tais normas, por vezes, podem lhe parecer idiossincrasias, mas, enquanto atividade reguladora, elas exercem um papel fundamental, dando qualidade e clareza às publicações, razão pela qual todas as instituições reguladoras de publicações científicas têm a normalização como um dos critérios para a aceitação e publicação de textos científicos.

No entanto, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 182), “muitas vezes, privilegiamos, demasiadamente, os aspectos formais de normatização e negligenciamos o conteúdo e o desenvolvimento do trabalho [...]”.

Em conformidade com as palavras desses autores, essa disciplina não pode/deve ter somente a finalidade de instrumentalizar o aluno para cumprir normas específicas, obtendo-se,

⁴ O conceito de texto encontra-se na *Seção 2* deste artigo.

assim, uma versão de produção científica conforme o que determinam orientações preestabelecidas, mas também a de compreender um recurso fundamental que orienta e auxilia a iniciação, o desenvolvimento e a finalização de tarefas acadêmicas (ou seja, do fazer universitário), cujos requisitos envolvem pontos da ordem conceitual, organizacional e técnica.

Percebe-se, portanto, que o conhecimento científico, adquirido por meio da pesquisa, está ancorado na metodologia científica, que, inicialmente assistido, leva o pesquisador ao aprimoramento e domínio racional em favor de um saber acadêmico que extrapole o espaço universitário, lembrando que as especificidades das produções científicas são perfeitamente assimiláveis.

Passemos agora à *Seção 2* - Português Instrumental - cujas considerações nela constantes, com base no embasamento teórico e nas proposições dessa disciplina, visam a esclarecer que é possível se desenvolver habilidades linguísticas em leitura e produção de textos.

2 Português Instrumental

Português Instrumental, como a própria nomenclatura sugere, é, grosso modo, o uso da língua portuguesa como instrumento, como ferramenta para a produção e interpretação de textos.

Seu objetivo geral é disponibilizar conhecimentos teóricos e práticos que possibilitem o aprimoramento dessas práticas para, assim, promover a capacitação e o aperfeiçoamento do aluno tanto no campo pessoal quanto profissional, o que possibilita que essa disciplina dialogue com todas as outras. Martins e Ziberknop (2010) enfatizam a sua importância no sentido de promover a compreensão e o domínio do idioma e colocar ordem na comunicação entre quem fala e ouve e entre quem escreve e lê.

Mas muitos debates regulares cercam o seu ensino no nível superior, fazendo com que o professor enfrente obstáculos na sua prática pedagógica, como, por exemplo, a valorização das disciplinas básicas do curso pelos alunos. Isso porque ainda se pensa a universidade apenas como uma instituição de ensino destinada à formação de “especialistas titulados” (um curso de administração deve formar um administrador). Mesmo que o fim da universidade fosse unicamente esse, ainda assim a presença da disciplina seria relevante, na medida em que sua relação com as disciplinas específicas de um curso pauta-se na competência da produção textual e da leitura de textos de diferentes gêneros pertinentes à especialidade escolhida pelo aluno, comprovando a

capacidade de organização do pensamento e o uso eficaz da língua praticada em ambiente profissional.

Diante de controvérsias, o professor foi levado a lhe dar outro enfoque, com base na interdisciplinaridade, integrando as competências linguísticas e discursivas ao fazer científico, o que ampliou o seu campo de atuação, observando-se as suas condições micro e macroestrutural.

A presença dessa disciplina nas grades curriculares de cursos que não têm relação direta com a área da linguagem justifica-se, num primeiro momento, pela compensação de falta de proficiência linguística trazida de níveis escolares antecedentes, que ainda representa um ensino descontextualizado ao qual os alunos estão sujeitos, como nos retrata Franchi (1998):

de um lado, os alunos são submetidos a contínuos trabalhos com notas, questionários que chegam a lhes causar tensões e ansiedades; de outro lado, recebem da escola um mundo de conteúdos insólitos que não têm nem significação nem utilidade imediata para eles. Conteúdos separados da realidade cotidiana, de uma prática real. Conteúdos fechados ou fracionados que devem ser assimilados por todos durante um ano (FRANCHI, 1998, p. 14).

Além disso, fundamenta-se na abordagem instrumental de ensino para fins específicos, no desenvolvimento de competência comunicativa e linguística, no auxílio à formação acadêmica, adotando um enfoque voltado para a recepção e produção de textos, que visa a contribuir para a autonomia e articulação de diferentes conhecimentos, conforme preconiza o Gelp (2011), um Roteiro de Estudos em Português Instrumental I e II utilizado em uma universidade situada em Taubaté/SP.

Esse roteiro, destinado normalmente aos primeiros e segundos anos de diferentes cursos, tem como objetivo conscientizar o aluno da importância de ler e escrever proficientemente com fins acadêmicos, portanto, inclui, dentre outros tópicos, unidades destinadas aos estudos da redação acadêmica - leitura e produção de gêneros discursivos⁵ da área acadêmico-científica. Refletir sobre os estudos pautados no preparo/aprimoramento da redação acadêmico-científica é constituir a base para a realização de todas as modalidades de trabalhos científicos, como observa Medeiros (2009).

Por ter o foco no texto, como se viu, está apoiada na teoria da Linguística Textual, que tem o texto como objeto central do ensino da língua materna, levando o aluno a refletir sobre o seu

⁵ Gêneros discursivos (ou gêneros do discurso) referem-se a formas-padrão relativamente estáveis de enunciados (falados ou escritos), determinados pela especificidade de uma dada esfera de comunicação, que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social (BAKHTIN, 1992).

funcionamento segundo as suas diversas situações de uso e os recursos que ela oferece para a constituição de sentido.

Para se entender o processo textual, é necessário conceituar texto. Os conceitos de texto são diversos, considerando-se suas bases, mas há de se levar em conta que eles mantêm ligação estreita. Pensemos, então, de acordo com as teorias linguísticas modernas⁶, em uma abordagem abrangente e corrente de texto (compreendendo realizações tanto orais quanto escritas), de forma que amplie a sua noção. Dessa forma, devemos partir da premissa de que o texto é um conjunto de enunciados⁷ interligados que constituem um todo organizado e significativo. A sua concepção prende-se ainda a outros aspectos, como produto sócio-histórico, produção que se relaciona com outros textos e multiplicidade de sentidos e leituras que ele proporciona.

O texto como unidade de sentido faz-nos supor que o significado de uma parte não apresenta independência e que o significado integral não é resultante de uma simples soma de suas partes, mas de um percurso que produz sentidos. Por isso, a hipótese de trabalho da Linguística Textual consiste em, consoante Fávero e Koch (2008, p. 11), “[...] tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”.

Definir texto é, portanto, considerar unidades discursivas estruturadas não só segundo os padrões sintáticos, mas também segundo uma relação mútua com as suas bases lógico-semântica (DUARTE, 2003), que levem em consideração elementos que o circundam, como o emissor, o receptor e a situação.

O que diferencia um texto de um amontoado de frases são alguns aspectos relacionados a fatores linguísticos (estruturais), que dizem respeito à língua como sistema, e extralinguísticos (sociais), que procedem do contato da língua com o mundo exterior e são parte essencial de um lugar onde coexistem língua e falante, colaborando para o processo de compreensão do texto e não podendo ser deixados de lado em detrimento dos fatores linguísticos. Os fatores linguísticos compreendem a coesão, coerência e intertextualidade. Como nos lembra Citelli (1994, p. 34), é preciso “pensar o texto enquanto produto da fusão entre os níveis da macro (coesão) e da microestrutura (coesão).

⁶ As três grandes correntes teóricas da Linguística Moderna são: Estruturalismo, Funcionalismo e Gerativismo.

⁷ Enunciado pressupõe um ato de comunicação social, no qual ocorre uma interatividade entre os sujeitos falantes, apontando para a enunciação de natureza sócio-histórica, que está essencialmente ligada a enunciações anteriores e posteriores (BAKHTIN, 1992).

A coesão tem importante papel na construção textual porque permite a sequência ininterrupta do texto, a sua boa formação e a sua funcionalidade. Expressa em parte por meio das articulações gramaticais e em parte por meio das articulações lexicais, segundo Koch (2011, p. 53), habitualmente, coesão é “a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formarem um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente”. Para uma perfeita conexão sequencial, é necessário fazer uso de dois grandes movimentos de construção do texto: retrospecção - basicamente, um mecanismo por meio do qual um elemento do texto faz remissão a outro anterior (anáfora) ou subsequente (catáfora) -, prospecção - movimento que se dá por meio dos chamados mecanismos de sequenciação, que se utilizados de maneira adequada, permitem a continuidade e a progressão do texto. A escolha ocorre segundo a função que cada um pode exercer no texto, o que norteia a argumentação. Apesar de a coesão não ser requisito suficiente para determinar que um texto seja um texto, estabelecer uma ligação entre os seus elementos por meio de mecanismos facilita o entendimento e a construção da coerência.

Ligada à preservação da textualidade em nível ideativo, de acordo com Beaugrande e Dressler (*apud* KOCH, 2011, p. 40), “a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual entram numa configuração veiculadora de sentidos”. Quando não há contradição de ideias, dizemos que o texto é coerente. A falta desse sentido lógico normalmente é percebida pelo falante de uma língua, mas há de se destacar que a coerência não ocorre de maneira independente do contexto, ou seja, alguns fatores como autor, leitor (ou ouvinte), ordem cronológica e espacial são fundamentais e não devem ser ignorados. Enquanto a coesão é um fator de intencionalidade, no plano da coerência, o fator é de aceitabilidade. Embora coesão e coerência sejam fenômenos distintos, dificilmente podemos separar esses dois elementos no que tange à textualidade, porque os diferentes recursos coesivos constituem fatores imprescindíveis para a geração da coerência.

De grande relevância para a construção de sentido, a intertextualidade, nas palavras de Koch (2011, p. 42), “compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores”. A criação de um texto a partir de outro preexistente, a influência de um texto sobre outro, a referência explícita ou implícita de um texto em outro, a relação estabelecida entre dois textos, o diálogo estabelecido entre dois

textos denominamos relações intertextuais, que exercem influência no processo de compreensão e produção de textos.

Os **fatores extralinguísticos** compreendem a intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade.

Intencionalidade refere-se ao modo como o autor elabora o seu texto na busca pelos seus objetivos. Para ter êxito, ele se utiliza de recursos adequados, a fim de que a sua intenção e a sua mensagem sejam compreendidas. Há de se salientar que nem sempre esse aspecto peculiar do ato comunicativo se realiza integralmente. Segundo Koch (2011, p. 42), “existem, ainda, casos em que o produtor do texto afrouxa deliberadamente a coerência, com o fim de obter efeitos específicos (parecer embriagado, desmemoriado etc)”.

Como a comunicação estabelece uma relação de cooperação, segundo Koch (2011, p. 42), a aceitabilidade refere-se “à concordância do parceiro em entrar num jogo de atuação comunicativa e agir de acordo com suas regras, fazendo o possível para levá-lo a um bom termo [...]”. Grosso modo, é a contrapartida da intencionalidade.

A informatividade refere-se à forma como o texto é veiculado, salvaguardados os graus de imprevisibilidade e previsibilidade da informação nele contida, ou seja, em que medida os elementos linguísticos constantes no texto são esperados (ou não) e conhecidos (ou não). Em relação à distribuição da informação, é necessário que haja um equilíbrio entre informação dada e informação nova, alerta-nos Koch (2011).

Diretamente ligada ao contexto comunicativo, consoante Koch (2011), podemos pensar a situacionalidade em duas direções: da situação para o texto e vice-versa. Eis os sentidos, segundo a autora:

[N]o primeiro sentido, a situacionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída [...]. No segundo sentido, é preciso lembrar que o texto tem reflexos importantes sobre a situação, visto que o mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real. Ao construir um texto, o produtor reconstrói o mundo de acordo com suas experiências, seus objetivos, propósitos, convicções, crenças, isto é, seu modo de ver o mundo (KOCH, 2011, p. 40).

Nas palavras de Costa Val (1999), para se produzir um bom texto há de se levar em conta um nível mínimo de dados a ser apresentado.

A dificuldade em ler e compreender o teor de textos, em redigir um texto considerando seus níveis micro e macroestrutural e em usar a norma culta da língua não tem permitido que os alunos

apresentem resultados condizentes com boa análise, sequência e interpretação de informações, objetividade, discussão, apreciação e argumentação plausível e lógica. Isso ainda corrobora a existência de tensões envolvidas na questão “promover leitores e escritores de fato”. Mas é possível redefini-la, uma vez que o ensino da língua materna (em todos os níveis de ensino) considere o embasamento teórico exposto neste item em prol de uma cultura que tome a leitura e a escrita segundo um contexto real e importante para o aluno e, sobretudo, descaracterize a condição de ler e escrever ser um “dom”.

Pensando no fazer científico (e isso implica o uso da comunicação escrita formal, que requer mais precisão), é possível considerar a língua(gem) como um instrumento fundamental e materializador, podendo o autor do texto, caso não a domine e cometa impropriedades, induzir o leitor ao erro e, conseqüentemente, não obter sucesso, pois como bem nos lembra Chauí (2004, p. 156), “as palavras têm sentido e criam sentido”. Portanto, entendemos que o conhecimento consistente da língua é a forma eficiente que o autor tem para descrever, relatar, comunicar os resultados e publicar sua pesquisa. Esmerar-se na escrita resultará na compreensão da mensagem.

Pádua (2001), acerca da linguagem científica, alerta-nos que deve ser correta, precisa, clara, coerente, objetiva, concisa e impessoal. Acrescentamos a questão de ser condizente com o tema abordado e com a área envolvida o que Pádua (2001) denomina como “vocabulário técnico”, uma vez que cada ramo da ciência tem sua terminologia própria.

A falta de domínio redacional não permite que o autor desenvolva o texto por partes, por etapas e pratique a sua reelaboração (ou reescrita), garantindo assim melhores resultados. Efetuar um plano de redação, certamente, contribuirá para o sucesso da produção, caso contrário, haverá um comprometimento da evolução lógica das seções. Saber traduzir com fidelidade e fluência as ideias dos autores pesquisados (isso implica competência leitora) e sintetizar as informações obtidas (porque serão reproduzidas) são também requisitos básicos para a produção científica. Azevedo (2001) observa que os parágrafos e as partes do texto científico devem expor um encadeamento lógico e hierárquico dessas ideias.

Na terceira e última seção, a seguir, propõe-se a análise das formulações proferidas no espaço escolar por acadêmicos de diversos cursos de graduação de uma Universidade situada na cidade de Taubaté/SP. Essas formulações (**o texto científico é próprio da elite acadêmico-intelectual e escrever é um dom**), entendidas aqui como discursos, foram obtidas a partir de conversas informais

mantidas com esses sujeitos quando lecionava a disciplina Português Instrumental. Resgata-se, assim, o objetivo estabelecido na introdução deste artigo.

Valendo-nos da teoria da ADF, buscar-se-á o que vai além da ordem própria da língua, ou seja, buscar-se-ão as diferentes formas de sua manifestação no sujeito e no discurso. Segundo Pêcheux (2006), a estrutura é entendida como sistema - língua -; já o acontecimento é entendido como historicidade (discurso). É nesse espaço teórico, onde é possível trabalhar com a língua enquanto um sistema passível de considerar os deslizamentos como parte da linguagem, que se procederá à análise.

Como na ADF metodologia e teoria são inerentes, ao se utilizar dos pressupostos teóricos dessa corrente teórica, o analista está automaticamente determinando o seu mecanismo metodológico.

3 Análise do campo discursivo

Nesta seção, proceder-se-á à análise dos discursos (**o texto científico é próprio da elite acadêmico-intelectual e escrever é um dom**) que levaram à constituição do corpus entendido como algo estabelecido pelo analista ao ler (ou observar), relacionar, selecionar e recortar (se for o caso), fundamentando-se em princípios metodológicos da ADF que possibilitam múltiplos caminhos, uma vez que o objeto e a perspectiva da pesquisa que vão impondo à teoria. No caso deste artigo, o caminho é analisar a materialidade dos dois discursos, buscando, preservada a relevância cultural, seus efeitos de verdade.

Nas palavras de Almeida (2009), a ADF

é uma área de estudos que busca detectar quais discursos fundamentam uma prática que está sendo mostrada como verdade num momento sócio-histórico, servindo o seu caráter analítico para ajudar a construir novos saberes e novas práticas (e não para lastimar ou acusar) (ALMEIDA, 2009, p. 20).

Não se pretende aqui esgotar a análise, mas intensificar a questão do aspecto discursivo, procurando, assim, cumprir o papel de pesquisador da ADF - selecionar o(s) campo(s) discursivo(s), levar em conta as determinações histórico-sociais e ideológicas presentes no fundamento de qualquer dizer e refletir sobre o conspecto linguístico, na medida em que, para a ADF, a língua é

entendida como um espaço de manifestações das relações de força e de sentidos que reverberam os confrontos de essência ideológica (ORLANDI, 1999).

A resistência do aluno à produção científica está indubitavelmente, num primeiro momento, ligada a sua condição de lidar com o novo. Mas, para além dessa questão, esses dois enunciados (entendidos aqui como ordem do discurso), reproduzidas por muitos alunos do ensino superior, contribuem para agravar a oposição que fazem à produção científica.

Antes de proceder à análise desses discursos e por entendê-los como mitos, iniciemos, ainda que brevemente, com a elucidação desse termo e com a sua posição sócio-histórica, por entendermos que a AD permite-nos estudar os enunciados para além da sua materialidade, na medida em que considera o contexto sócio-histórico. Para Pêcheux (2006, p. 54), “as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significados”.

A palavra mito, de origem grega, significa “personagem, fato ou particularidade que, não tendo sido real, simboliza não obstante uma generalidade que se deve admitir” (DICIONÁRIO PRIBERAM ONLINE). Tem, portanto, caráter simbólico de algo ou de alguém que não existe, mas que se supõe real, sendo o seu proferidor reconhecido como uma autoridade sobre o que foi narrado. Está relacionada a uma dada cultura, compreendendo a riqueza acumulada de um povo e se perfazendo em algo que se distingue entre outros da sua espécie, passando, assim, a fazer parte da sua identidade e fundindo-se com as suas tradições, os seus costumes, as suas crenças. Dessa forma, o mito dispõe de um potencial motor sociológico, orientando comportamentos.

“O mito é o nada que é tudo”. Por meio dessa antítese, verso do poema Ulisses⁸ (do livro Mensagem), seu autor, Fernando Pessoa, mostra-nos que o mito pode ser nada se considerarmos os fatos, mas pode ser tudo se considerarmos o que ele representa enquanto resultado de longos períodos de tempo e acumulação cultural e histórica de um povo.

Devido a sua força e, às vezes, a sua condição cíclica, ele percorre tempos e lugares, estando presente na memória e na história do ser humano. A AD, por articular conhecimentos dos campos das Ciências Sociais e da Linguística, permite-nos refletir sobre “o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem” (ORLANDI, 1993, p. 16), assim como relacionar língua e história.

⁸ Disponível em: <<http://www.circulosdeleitura.org.br/site/2012/07/26/ulisses-fernando-pessoa/>>. Acesso em 03 ago. 2014.

Passemos, agora, à análise dos discursos, lembrando que, embora esse seja o objetivo pretendido neste trabalho, serão feitas considerações após cada análise a fim de contribuir para as suas desconstruções, valendo-nos, é claro, da fundamentação que embasam as duas disciplinas envolvidas, como foi possível observar nas seções 1 e 2.

3.1 O texto científico é próprio da elite acadêmico-intelectual

Foucault (2008) discorre sobre como os diversos discursos encontrados em uma dada sociedade (ou em um dado grupo social específico) exercem funções de controle, limitação e validação das regras de poder dessa sociedade (ou desse grupo específico). Entende o discurso não como um encadeamento lógico de palavras e frases que sustentam um significado em si mesmas, mas como uma importante ordem funcional em que se estrutura um imaginário social. Passa a ter, portanto, poder intrínseco de reprodução e dominação.

Consoante Orlandi (1999), pensar na definição de discurso exige distanciá-lo do esquema fundamental da comunicação (emissor, receptor, código, referente, mensagem), pois compreende um complexo sistema de sujeitos afetados pela língua e pela história, que se relacionam no ato da linguagem. Nas palavras de Orlandi (1999, p. 21), “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Por isso, a noção de discurso está atrelada à relação entre língua, sujeito e sentido.

Tomando como base as palavras desses autores, a princípio, analisar-se-á o primeiro dos dois enunciados - **o texto científico é próprio da elite acadêmico-intelectual** -, mas antes serão feitas algumas considerações que podem contribuir para esclarecer a questão central.

A condição de pesquisa foi, ao longo do tempo, atribuída a uma pequena parcela da elite acadêmico-intelectual - só a ela caberia debater. Isso devido ao seu elevado nível de titulação, ao seu estrato sócio-econômico-cultural e a sua profissão - o que lhe garantiu prestígio social. Essa elite teve acesso ao ensino básico em escolas particulares e cursou universidades públicas e particulares, inspirando assim autonomia intelectual, grande valorização e inevitável sucesso. Disputado pelos que se encaixavam nesse perfil, esse lugar era inatingível para muitos.

As universidades ainda continuam com o estigma de formadoras de elites intelectuais e políticas, com um discurso retrógrado e sem um espírito acadêmico renovador, mas isso vem

mudando, ainda que lentamente, desde que o ensino superior tornou-se acessível a muitos e desde que alguns gestores têm tratado a universidade como um locus verdadeiramente de aprendizagem.

É real que a experiência acadêmica, da qual faz parte a produção científica, corresponde a uma sobrecarga para o aprendiz no ensino superior, mesmo porque, embora poucas escolas desenvolvam projetos de iniciação científica no ensino médio, não se investe no despertar da consciência acadêmica. Promover o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo, o que permitiria por meio de uma visão real do mundo, detectar problemas e promover medidas que possibilitassem solucioná-los, muito contribuiria para prepará-lo rumo ao nível acadêmico e conscientizá-lo da importância da pesquisa para os estudos e para a humanidade.

Para além dessas considerações, pautemo-nos agora na formulação em si, quando o conceito do texto será deslocado de uma visão logocêntrica, de forma que seja possível (re)significar os dizeres contidos nesse discurso.

A qualificação do texto em “científico”, por si só, considerando-se os aspectos históricos, já exclui. Isso porque pressupõe, ao trazer a voz da ciência, um poder-saber, uma vez que a produção científica, conforme já exposto na *Seção 1*, é redigida no âmbito de uma comunidade científica com o propósito de apresentar os resultados de uma investigação, submetendo-se à verificabilidade. Há de se lembrar que todo discurso, além de estar sujeito à leitura do seu conteúdo explícito, está também suscetível à da sua revelação. Na sequência, o verbo “ser” (conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo) aparece de forma bastante significativa por se apresentar sob uma formulação de identidade, para fundir algo em relação a si mesmo, transpondo assim aspectos semânticos centrais.

Dando continuidade, o adjetivo “próprio” demanda, nesse caso, o que pertence exclusivamente a alguém, consoante o Dicionário Priberam online⁹. Isso equivale a uma designação única e específica, por oposição ao comum, evocada para provocar um resultado de propriedade. “Da elite acadêmico-intelectual” fecha uma ideia que estabelece uma relação (da = contração da preposição **de** com o artigo **a**) do texto científico com o que mais se valoriza numa sociedade (elite) e com o que representa um segmento clássico marcado pelo rigor formal e pela erudição (acadêmico), agregado ao domínio da inteligência (intelectual). Atentemos também para a questão do uso do vocábulo “elite” como uma forma de determinação do sujeito. Percebe-se que o

⁹O dicionário foi utilizado como recurso na análise, servindo como embasamento na obtenção dos vários sentidos (sentido lexical) que as palavras adquirem.

enunciado, associado ao imaginário de ciência, atribui um efeito de verdade ao discurso, lembrando que, segundo os pressupostos teóricos da AD, a verdade não pode ser vista como algo que deva produzir sentidos fora do contexto sócio-histórico e está intimamente relacionada aos discursos e às instituições que a legitimam. Segundo Foucault (2008), na vontade de verdade, há um discurso que circula para justificar certas práticas. O que temos é um espaço para a constituição dos sentidos – que, na sociedade, os papéis encontram-se bem definidos. O sujeito-aluno coloca em funcionamento, portanto, um discurso atrelado a uma imagem disseminada no espaço escolar cuja representação está na elite acadêmico-intelectual. Ao buscar e manter essa imagem, constitui uma identidade equivocada (a de não ser capaz), à medida que se identifica com as representações que emanam do discurso, e o faz sem se dar conta disso. Dada a materialidade do discurso, é possível relacioná-la à historicidade que a constitui, compreendendo, assim, que o discurso reproduzido pelo aluno dá-se a partir das “redes de memória e dos trajetos sociais” (PÊCHEUX, 2006, p. 164). Percebe-se, portanto, que a representação que o aluno faz de um produtor de texto científico emerge de um discurso da elite e concorre para a construção de sua identidade. Com fins de embasamento teórico, citemos o conceito foucaultiano para “representação”, na medida em que Foucault (2000, p. 18) procurou afastar-se de ideias opostas¹⁰ antes discutidas por outros estudiosos clássicos, como Platão e Aristóteles, e nos mostrar que “o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *Epistémè*¹¹, onde os conhecimentos encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade (...)”. Para o autor, a representação vai além de uma simples identificação com a realidade por não equivaler a uma cópia do real, mas a uma semelhança e uma diferença num mesmo espaço. Trata-se de mecanismo que consente que se disponha do mundo como se fosse uma imagem, permitindo opor-se sobre o real. “Na representação, os seres não manifestam mais sua identidade, mas a relação exterior que estabelecem com o ser humano” (FOUCAULT, 2000, p. 329).

Conhecer aspectos fundamentais de uma produção científica - a uniformidade como ferramenta na sua elaboração e apresentação (metodologia), a situação de uso da língua que exige uma mudança em profundidade da forma usual (norma culta e técnica) e a seleção/organização da

¹⁰ O termo representação foi tratado anteriormente como *mimesis*, verossinhança, cópia.

¹¹ *Epistémè* é a maneira pela qual uma sociedade num dado tempo representa o mundo (FOUCAULT, 2000).

leitura de obras -, torna-se condição imprescindível para o pesquisador, não obstante, perfeitamente possível.

Durante o processo de produção, o envolvimento com questões dessa natureza cobra-lhe a assimilação de inúmeros elementos, o que não deve levá-lo ao desânimo e à desistência. Para tanto, esse aprendiz deve ser coerentemente orientado à prática e obter instrumentos necessários à construção da pesquisa científica por meio de leitura e escrita eficientes.

3.2 Escrever é um dom

Neste momento em que se efetua a análise do segundo enunciado, reiteramos a proposição de um exame fundamentado num espaço teórico cuja perspectiva é trabalhar com a língua enquanto um sistema passível de considerar os deslizamentos como parte da atividade de linguagem e com a historicidade nela contida, na medida em que, segundo Pêcheux (2006), estrutura é entendida como sistema (língua) e acontecimento é entendido como historicidade (discurso).

Provavelmente, tal crença – escrever é um dom – tenha origem em renomados autores literários (Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Machado de Assis, Manuel Bandeira, dentre outros) e, concomitantemente, nas suas produções, ordem arraigada, provavelmente, na nossa formação básica, devido à influência que outrora esses escritores exerciam sobre a sociedade letrada, tornando-se, assim, um discurso de verdade. Reiteramos, neste momento, as palavras de Foucault (2008) que, por entender o discurso como uma importante ordem funcional em que se estrutura um imaginário, atribui a ele poder intrínseco de reprodução e de dominação.

Mas, opondo-se a essa crença, Garcez (2004) cita o poema “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, no qual o poeta trava uma luta com as palavras, tentando atraí-las para si. Isso nos mostra o quão é dificultoso (não impossível) lidar com as palavras, mesmo para um modelo de escritor. Observemos os seus versos: “Lutar com as palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco”¹².

Há de se considerar que, em geral, a relação entre o autor e o ato de escrever é “infausta”, motivada, possivelmente, pelo mito em questão, que o leva a crer não ser capaz e nunca ser um bom

¹² Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/lutar-com-palavras-e-a-luta-mais-va-carlos-drummond-de-andrade>>. Acesso em 10 ago. 2014.

escritor, sem deixar de levar em conta que a escrita exige habilidades diferentes do ato da fala, razão pela qual muitos se sentem impotentes diante de uma folha em branco.

Conforme Garcez (2004), muitas pessoas realmente acreditam que jamais conseguirão ser bons redatores. O autor acrescenta que, dentre os diversos mitos circulantes acerca desse equívoco, o mais assolador é a crença de que “escrever é um dom”. Ainda, segundo o autor, trata-se de uma construção social, coletiva, que se instituiu, evoluiu e se consolidou através do tempo e da história da humanidade, diante de fenômenos relacionados à visualização, à medida que a comunicação se fazia necessária e mais abrangente.

Após essas considerações significativas que permitem vislumbrar o discurso e as noções que perpassam e legitimam os sentidos produzidos por ele, passemos à análise do segundo enunciado, “**escrever é um dom**”, buscando desnudar essa prática discursiva que fundamenta outra resistência à produção científica.

Escrever, com base no Dicionário Priberam online, remete-nos à comunicação por escrito, a compor, a representar o pensamento, mas numa instância mais generalizada¹³, a ser um escritor. Novamente, nos deparamos com uma representação que é da ordem do imaginário - ser um escritor no imaginário social está ligado à arte da escrita, expressão literária, publicação de livros. O verbo ser (conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo) liga o verbo “escrever” à palavra “dom”, acrescido do numeral cardinal (um), que expressa unidade, adquirindo, assim, um significado pleno e preciso e correspondendo à determinada identificação que consiste em exprimir uma realidade. Há de se destacar que o mérito de um discurso (via materialidade) não consiste no que se diz, mas no “lapso” que revela e que se mostra pleno de significação. Por sua vez, a palavra “dom”, que significa dádiva, benefício, talento natural, habilidade nata, potencial para a execução de determinada atividade (DICIONÁRIO PRIBERAM ONLINE), leva-nos a perceber que essa escolha lexical desqualifica a maioria a ser um escritor, destinando tal “presente” a poucos (ou aos escolhidos). Dessa forma, considerando-se as condições em que a formulação foi proferida, aponta para uma ideologia: nem todos podem ser efetivamente escritores (embora todos sejam detentores da condição de escrever).

Notadamente, os estudantes do ensino superior apresentam dificuldades quanto à produção de textos acadêmicos, não debeladas em razão da mitificação da escrita (escrever é um dom), o que tem feito os estudiosos da língua discutirem, refletirem e reconsiderarem estudos e estratégias.

¹³ Entenda-se generalizada como de senso comum, dominante.

Dicas e truques não são suficientes para levar o aprendiz a escrever bem, a ter familiaridade com a escrita. Trata-se de um processo de aprendizagem e amadurecimento, que envolve prática (quanto mais escrevemos, mais adquirimos familiaridade com essa modalidade da língua), leitura (promove a assimilação da estrutura da língua, possibilita a progressão do conhecimento e desenvolve as habilidades cognitivas, tornando-se, assim, em um reflexo bastante positivo), reflexão (sobre o conteúdo, a forma), ação (processo, contexto, produção).

Cabe ainda destacar as “infinitas” necessidades que nos motivam a escrever. Pontua-se aqui a necessidade de produção de diversos textos inseridos nas diferentes práticas sociais, que principiam e ordenam a escrita, possibilitam a adequação do discurso e permitem opinar, regular normas, relatar ou comunicar algo, assim como o objetivo e o público a alcançar.

Para se chegar à plena comunicação por meio da escrita, é preciso fazer funcionar de modo organizado a lógica do pensamento; encadear ideias, fatos, declarações, análises; desenvolver bem a linguagem e articulá-la com a leitura.

Escrever requer recursos próprios, porque, afinal, não se conta com a presença do interlocutor, tendo-se, assim, de exceder essa peculiaridade da modalidade escrita da língua. Por isso, é fundamental que essa habilidade seja desenvolvida, que haja empenho por parte do autor, porque se trata de um ato que exige conhecimentos relativos à estrutura da língua, conhecimentos de outras naturezas (como, por exemplo, tema, público-alvo, situação social específica), manutenção de memória, raciocínio.

Diante dessa explanação, percebe-se que já é tempo de desconstruir esse mito e focar o ensino da produção textual em um processo que resulte na diversidade de práticas que contribuam para o entendimento da dimensão textual, considerando-se seus componentes (planificação, textualização, revisão), porque a competência da escrita é hoje essencial diante das múltiplas funções que os textos desempenham na sociedade contemporânea.

Como vimos, esses discursos consolidaram-se, exercendo um poder que leva à resistência do aluno à produção científica e, ao mesmo tempo, distorce todo o processo de sua elaboração, lembrando que, segundo Foucault (2008, p. 9), na sociedade a produção do discurso, além de ser controlada, selecionada, organizada, é “redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”.

Impondo ao sujeito certo olhar, certa posição, certa função, deslocando-se ao longo das modificações das condições históricas e exercendo, dessa forma, uma coerção sobre os discursos, a

vontade de verdade é reconduzida, segundo Foucault (2008, p. 17), “pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Considerações finais

Um ponto foi fundamental na abordagem do tema deste artigo – diante de um panorama (a resistência à produção do texto científico) que parecia não deixar brechas para efetivas transformações, por meio da análise dos dois discursos em questão, que se estabeleceram e se cristalizaram no meio acadêmico, vimos que suas desconstruções são possíveis, favorecendo, assim, a formação do aluno-acadêmico, uma vez que as formações discursivas que provocaram efeitos de verdade nas formulações proferidas nesse nível escolar foram resgatadas no fio intradiscursivo, possibilitando as identificações desse aluno. Segundo Pêcheux (1988), são as formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes.

Duas abordagens contribuíram para produzir esse efeito: (1) examinar atentamente os elementos que embasam as disciplinas envolvidas nos dois discursos, o que delimitou as reais possibilidades de o aluno ser capaz de executar a leitura e a escrita proficientemente e de, inicialmente assistido, dar conta das tarefas acadêmicas relacionadas à produção científica; (2) lançar um olhar sobre os aspectos sócio-histórico que ganharam através do tempo uma dimensão de verdade para, então, efetuar as análises e verificar, por meio da materialidade posta, que os dizeres reforçam um poder que leva à resistência do aluno à produção científica.

Para além dessas questões ligadas ao objetivo desta pesquisa, salientamos a integração que deve ocorrer entre disciplinas na aplicação do conhecimento, que deve ser entendido como um todo e não como algo desassociado. Diante dessa afirmação, levantamos a possibilidade de uma estreita conexão entre as disciplinas Metodologia Científica e Português Instrumental, de modo que possam propiciar ao alunado domínio e autonomia no que se refere à produção de texto científico, sem deixar, é claro, de se manter fiel aos princípios básicos de cada uma.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. A. de. **Efeitos de sentido legitimadores do discurso da responsabilidade social**. 123f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Taubaté-SP, 2009.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

AZEVEDO, I. B. **O prazer da produção científica:** descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins fontes, 1992.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CITELLI, A. 1994. **O texto argumentativo.** São Paulo: Scipione, 1994.

COSTA VAL, M. da G. F. **Redação e textualidade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DICIONÁRIO PRIBERAM ONLINE. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>. Acesso em 10 ago. 2014.

DUARTE, I. Aspectos linguísticos de organização textual. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa.** Lisboa: Caminho, 2003.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística textual:** introdução. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** 16. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Tradução Salma TannusMuchail. São Paulo: Martins fontes, 2000.

FRANCHI, E. P. **E as crianças eram difíceis:** a redação na escola. São Paulo: Martins fontes, 1998.

GARCEZ, L. H. C. **Técnica de Redação:** o que é preciso saber para bem escrever. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna.** 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GELP - GRUPO DE ESTUDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA. Roteiro de estudos em Português Instrumental I e II. Taubaté: Unitau, 2011.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, D. S.; ZIBERKNOP, L. S. **Português Instrumental**: de acordo com as normas atuais da ABNT. 29. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 1993.

PÁDUA, E. **Metodologia de pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 2001.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1988.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.